

DISCURSO – PRESIDENTE DA CNI, RICARDO ALBAN

(Boa noite e saudação às autoridades presentes de acordo com protocolo.)

Começo hoje nosso mandato como presidente da CNI com muito entusiasmo, ciente do enorme trabalho que temos à frente. Este é um momento fundamental para a indústria brasileira, ao qual darei o melhor de mim em conjunto com todos dessa nova Diretoria.

Agradecemos ao presidente Lula pela volta do MDIC; e, mais ainda, pela nomeação do vice-presidente Alckmin como o nosso ministro.

Depois de anos de declínio, temos uma oportunidade única, talvez a última dessa geração, de revitalizar o nosso setor e entregar ao Brasil tudo que uma indústria forte e dinâmica pode entregar a um país: desenvolvimento econômico e social, com inovação e geração de empregos de mais qualidade.

Creio que todos aqui estão imbuídos desse sentimento de urgência. Esta é a hora de mobilizar o país por uma nova industrialização. E uma nova industrialização pede uma nova CNI. Pede uma nova união e convergência de todos.

Já está em curso intensa transformação da economia global, particularmente das cadeias de produção.

Avanços tecnológicos, a digitalização da indústria 4.0, a nova economia verde e a revisão geopolítica das relações comerciais abrem oportunidades inéditas para a indústria no Brasil. Não podemos desperdiçá-las.

O governo federal e o Congresso Nacional, parceiros fundamentais num país como o nosso, estão muito atentos também a essas oportunidades.

Por isso falo de uma nova CNI. Se o mundo mudou, se o Brasil mudou, se a indústria está mudando, a CNI deve mudar também.

E o que seria essa mudança? Antes de mais nada, é preciso reconhecer o bom trabalho que a CNI fez ao longo das últimas gestões, como a do presidente Robson.

A mudança de que falo é a reorientação de nosso trabalho com foco total nos eixos da neoindustrialização, com visão do que precisamos fazer (e o que não devemos fazer) para aproveitar as oportunidades. Para tanto, seremos incansáveis na busca de entregas para as indústrias no Brasil. Este será o nosso objetivo maior.

O que, efetivamente, não falta no nosso Brasil são diagnósticos de problemas já muito bem conhecidos por todos: a letalidade do custo Brasil, o imenso fardo tributário, a infraestrutura precária, os juros escorchantes, o gap tecnológico com a necessidade de modernização de máquinas e equipamentos, a dificuldade em formar mão de obra mais qualificada, para a qual precisamos atualizar a relação capital e trabalho, com o bom diálogo e pelo aumento da produtividade.

Por isso tudo, a indústria brasileira vem perdendo a capacidade de competir nos mercados globais, o que é retratado de forma cristalina na nossa produtividade.

A produtividade da indústria de transformação brasileira caiu quase 1% ao ano desde 1995. Enquanto cada hora trabalhada no Brasil gerava R\$ 45 em produtos em 1995, hoje ela gera só R\$ 36.

São números chocantes, diante dos quais só podemos dizer: basta!

Claramente, precisamos de novas abordagens para reverter esse quadro. A CNI já tem conhecimento e propostas muito bem elaboradas. Agora é entregar.

O que nos dá novo ânimo é a nova conjuntura, que não dissipa os problemas de forma mágica, mas nos oferece a chance, talvez a última, de, com muito trabalho, revigorar a indústria brasileira com foco na competitividade e na produtividade.

O que já temos para dar esse salto? Antes de mais nada, temos nós todos aqui, industriais resilientes, calejados, corajosos, dispostos e capazes de enfrentar tantas dificuldades para produzir, gerar e distribuir riqueza pelo Brasil. Sempre contando com a imprescindível cumplicidade de todos os colaboradores industriais, que completam a relação capital e trabalho.

Precisamos, também, criar condições para as mulheres ocuparem mais espaço nas lideranças empresariais e institucionais. Ainda que na CNI as mulheres representem 59% dos cargos de liderança, temos muito poucas mulheres presidentes de Federações. Em maio de 2022, a CNI lançou o Fórum Nacional da Mulher Empresária, o qual terá todo o nosso apoio.

Temos também uma matriz energética mais limpa do que os nossos competidores. Relações amistosas com o mundo todo. Proximidade e acesso aos mercados centrais e aos mercados emergentes. Democracia consolidada. Mercado interno imenso e

pujante. Uma população trabalhadora, ávida por conhecimento e oportunidades.

Temos também um governo novo e um Congresso novo, que vêm tendo consciência das oportunidades e dispostos a serem parceiros indispensáveis da neointustrialização, tendo o ministro Alckmin como “maestro” imprescindível na nova e desafiadora política industrial.

E o que queremos?

Condições de competir. Uma estrutura física e regulatória que nos permita competir com o mundo, crédito a preço justo, educação de qualidade e estímulo a inovação e P&D que produzam o conhecimento e as tecnologias necessárias para este novo momento.

O Congresso já trabalha uma pauta econômica reformista e modernizadora. A reforma tributária avança e será fundamental. E vamos nos aproximar mais dos nossos parlamentares.

Na frente do crédito, estamos conscientes de que o crédito público nunca será capaz de atender a todas as necessidades da indústria. Aproveito para parabenizar o BNDES pelas ações de estímulo a industrialização. O crédito privado é muito maior e mais capilar, mas é preciso aprofundar o diálogo com o sistema financeiro para que os financiamentos impulsionem a indústria, e não sejam um obstáculo para nossa atividade. A intermediação financeira é de capital importância na estrutura de financiamento do setor produtivo. É preciso estabelecermos um diálogo construtivo com o sistema financeiro, que permita termos financiamentos a custos competitivos.

Na área de tecnologia, inovação e P&D, já há o compromisso de mais recursos para a Embrapii e centros tecnológicos. E nisso, lá na FIEB, temos a experiência muito bem-sucedida do nosso Cimatec, que mostra como o sistema das federações podem ser efetivos nessa transformação.

Vamos dar especial atenção à criação de um ambiente de startups industriais, como o setor

financeiro e o agronegócio já estão fazendo, com grandes resultados.

Na frente da qualificação, temos já na CNI e nas federações um know-how enorme com o Sistema S, que pode ser expandido. E será feito, de forma a atender as enormes demandas que virão com a neointustrialização.

O ministro Haddad lembrou outro dia de uma proposta que ele fez ainda como ministro da Educação de oferecer contra turno profissionalizante aos alunos da rede pública. Estamos dispostos a pensar fora da caixa até porque a caixa não nos serve mais.

Há muito a fazer, e não há tempo a perder. Repito, sem querer ser dramático: esta pode ser, nessa geração, a última grande oportunidade para a indústria no Brasil. O “trem” já está passando!

A conjuntura favorável chegou. O que não podemos é pensar de forma antiga. Não queremos só incentivos. Mas, sim, eles também são necessários

para competir, especialmente nas novas áreas. O governo das grandes potências, como EUA e China, estão investindo bilhões e bilhões de dólares para aproveitar as oportunidades da revolução industrial verde, por exemplo.

Segundo os dados econômicos existentes, as empresas no mundo receberam, no primeiro semestre de 2023, US\$ 40 bi a mais em subsídios (e foram subsídios mesmo!). Os EUA investiram US\$ 25 bi no segundo trimestre de 2023, em subsídios.

Mas, muito mais que incentivos, nós queremos condições para competir e entregar ao Brasil o que só a indústria pode entregar: mais empregos de alta qualidade, inovação e inserção nas cadeias globais de produção.

Não existe país grande que não tenha dado salto de qualidade sem avanços industriais. Da Inglaterra do século 18 aos países asiáticos do século 21, foi a indústria que liderou a transformação que levou esses países a novos patamares de desenvolvimento socioeconômico.

A China se tornou a potência global que é pela sua indústria, a Coreia do Sul também.

Somos a favor de um governo solidário, mas eficiente. A indústria é penalizada por uma carga tributária pesadíssima, mas que deve melhorar com a reforma tributária. Esperamos também uma reforma administrativa que aumente a eficiência do Estado brasileiro reduzindo seu custo.

O Brasil não dará o salto socioeconômico que queremos sem a indústria, mas a indústria não dará esse salto sem o Brasil.

Da minha experiência na FIEB, trago o diálogo, o aumento da eficiência e das entregas do sistema, sempre focado na nossa missão fundamental de atender a indústria.

Por isso faço esse chamado: industrial e industriário, juntem-se a nós nesta hora tão importante da nossa indústria. Vamos pensar

grande porque o Brasil é grande, a indústria é grande, e a CNI planeja grandes entregas, para a indústria no Brasil.

Importante que possamos concluir as negociações entre o Mercosul e a União Europeia. Obviamente, dando condições do incremento no intercâmbio comercial de forma transparente, permitindo que possamos, também, desenvolvermos nossa política industrial, como já é feita pela Europa.

A nossa Confederação tem aumentado também sua atuação global. Estaremos na liderança do Conselho Empresarial dos Brics em 2025, o CEBRICS. E representaremos as empresas brasileiras no B20, o grupo empresarial do G20, que será presidido pelo Brasil a partir de dezembro.

Mas a CNI não faz nada sozinha. Precisamos de todos. Dos pequenos industriais do interior desse grande país aos grandes industriais brasileiros e globais, que precisam cerrar fileiras com a confederação. Temos que pensar de forma sistêmica, internacional, nacional e regional.

Vamos integrar esse país pela indústria. Pensar não apenas no produto final que produzimos, mas no encadeamento produtivo, que cria oportunidades e mercados ao longo de toda a cadeia. O encadeamento produtivo sustentável permite o desenvolvimento das pequenas e médias indústrias, as quais são as responsáveis pela maior empregabilidade.

Enfim, vamos juntos conjugando, cada vez mais, o “NÓS”. Afinal, nenhum país se transformou em uma nação, conjugando “nós e eles”!

Encerro agradecendo à minha família, que dá sentido maior à minha vida, e me faz continuar acreditando que vale a pena. Aproveito para reconhecer as mulheres que fazem parte da minha vida: minha querida mãe, que não está presente por se encontrar na luta contra o Alzheimer (agradecendo a minha irmã por tanto amor e dedicação), minha esposa Maria Clara (constante cúmplice e companheira) e a minha filha, Gabriela, que junto com meu filho, Felipe, nos fazem seguir em frente. E agradecendo também ao apoio e

companheirismo de todas as federações da indústria, aqui representadas na votação unânime à nossa chapa.

Vamos transformar esse país pela indústria. A CNI está pronta para caminhar nesse grande objetivo, sempre ao lado de todas as indústrias no Brasil, com suas lideranças setoriais e regionais, e toda a nossa força de trabalho.

Acreditem, vale a pena.